



NO BRASIL

João Paulo II disse receber “com grande dor” notícias sobre crimes Denúncias de índios emocionam o Papa

Telefoto de Sergio Marques

EDUARDO TESSLER

CUIABÁ — O Papa colocando um cocar foi uma das imagens que marcaram sua primeira visita ao Brasil. Ontem, João Paulo II repetiu o gesto quando se encontrou com um grupo de 100 índios, que estavam representando 37 comunidades indígenas. O Papa se emocionou ao ouvir o relato da situação dramática por que passam as comunidades. Ele abençoou individualmente cada um e, de improviso, prometeu não esquecer os problemas dos índios brasileiros, oferecendo a proteção de Deus.

Em três cartas entregues ao Papa, os índios esclarecem a situação das comunidades e pedem a João Paulo II que interfira, como for possível, na demarcação de suas terras, como determina a Constituição. A principal era um documento elaborado pelas 34 nações indígenas e foi lido pelo índio Manuel Katinauá, de Roraima.

— Passamos pelos mais diversos problemas e até tenho vergonha de ser obrigado a falar sobre eles ao Papa — disse o Secretário da Coordenadoria das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coaiab), o índio Orlando Baré, que ao saudar o Papa vestia uma camiseta que trazia denúncias de assassinatos de índios e calção. Vários índios usaram camisetas como essa para denunciar o extermínio.

João Paulo II respondeu com um discurso no qual defende a vida dos índios e anunciou que numa próxima visita ao Brasil vai querer reencontrá-los.

— Deve-se chegar, em todos os problemas, a soluções justas e realistas, para que seja garantido aos índios o direito de habitar suas terras em paz e serenidade, sem o temor de serem desalojados em benefício de outrem. Tenho recebido, com grande dor, as notícias que me chegam sobre violações desses direitos, motivadas pela ganância e por interesses escusos. Não posso negar a grande dor que sinto ao ter conhecimento de que alguns poucos, inclusive alguns que deveriam ver neles o seu modelo, têm tentado denegri-los, com uma visão distorcida, mais política e ideológica do que religiosa, da história da evangelização no Brasil — afirmou o Papa, muito emocionado.

Vestindo apenas uma calça jeans, um líder Makuxi, que primeiro falor em seu dialeto, fez um apelo dramático a João Paulo II e, no final, cantou e dançou uma canção de sua tribo para que o Papa tivesse certeza de que ele realmente é um índio:

— Deus deu a terra para todos, não apenas aos brancos. Agora assassinam o povo, somos usados como animais na ponta de uma metralhadora. Deus é o pai dos povos indígenas também. O sangue de todos é igual. Só que o nosso está sujando de vermelho a terra do Brasil — disse o líder Makuxi.

O Líder xavante Aniceto deu uma borduna e o cocar e fez questão de colocá-lo na cabeça de João Paulo II. O Papa até gostaria de ficar mais tempo com os índios, tamanha sua emoção, mas teve de ir embora, não sem antes abençoar todos e dar uma bênção especial aos 250 mil índios do Brasil.



Um índio bororo coloca um cocar na cabeça do Papa João Paulo II durante a missa no bairro Morada do Ouro

O DIA DO PAPA

■ **9h30m** — Encontro com hansenianos no Centro São Julião (com transmissão pela TV), em Campo Grande (MS).

■ **11h30m** — Missa campal no antigo aeroporto da cidade para onde ele segue em carro fechado. A família será o tema da homilia (TV).

■ **16h30m** — Encontro com leigos na Catedral de Campo Grande.

■ **18h10m** — Embarque para Florianópolis.

■ **19h55m** — Desembarque na capital catarinense (com transmissão pela TV) e, em seguida, um desfile de papamóvel durante sete quilômetros.

A ÍNTEGRA DO DISCURSO DO ÍNDIO ORLANDO BARÉ

“Nós queremos dizer ao Santo Padre que a situação dos povos indígenas hoje no Brasil atravessa os mais diversos problemas, desde a não demarcação das terras indígenas, até a falta de saúde, principalmente dos índios que estão situados na faixa de fronteira, hoje ameaçados por cólera. Os povos indígenas, Santo Padre, estão passando por um processo que nós chamamos de política de extermínio. Política essa que é executada por grandes projetos governamentais em

nome do desenvolvimento, em nome do progresso. Mas estão contribuindo para a extinção dos povos indígenas, principalmente daqueles que estão em processo de contato com a civilização ocidental.”

“Eu acho que, para nós, Santo Padre, a sua grande liderança, a vossa senhoria que neste momento está aqui nos ouvindo, nós estamos entregando para você esta preocupação. Nós estamos lutando contra a morte dos

povos indígenas. Estamos lutando contra a morte dos nossos rios. Estamos lutando contra a morte dos nossos peixes. E nós não queremos que nossa terra permaneça invadida. Nós não queremos que as nossas religiões sejam substituídas por seitas fundamentalistas, que mudam e desarticulam todo o processo da vida de uma comunidade indígena.”

“Santo Padre, eu queria pedir também, em nome dos povos in-

dígenas, que neste País haja mais respeito aos direitos dos povos indígenas. Porque a Constituição brasileira deveria ser mais respeitada e deixar de ser uma letra morta. Porque não se cumpre a Constituição brasileira. Pela Constituição se diz que em um prazo de cinco anos vão ser demarcados todos os territórios indígenas, mas isto não está sendo feito. Eu acho que a garantia para nós fundamentalmente é a terra. Sem terra não se vive. Muito obrigado.”

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : _____

CLASS. : 844

DATA : _____

PG. : _____

Filha entrega carta e pede Justiça

CUIABÁ — O índio que emocionou o Papa em 1980, Marçal de Souza, morreu assassinado três anos depois, sem que até hoje tenham sido punidos os culpados. Ontem, sua filha, Edna Silva de Souza, guarani, entregou uma carta a João Paulo II, junto com uma foto de Marçal, para que o Papa nunca esqueça dos problemas indígenas.

Edna atribui à burocracia, ao Governo brasileiro e à classe política, a falta de soluções para o que chama de mistérios, como o assassinato de seu pai e o exter-

mínio de índios. E tem certeza de que, se o Papa pedir atenção especial aos índios, o Governo deverá acatar.

— Neste País sem justiça para as classes mais pobres, principalmente os índios, a luta pela terra é nossa própria vida. Voltar para terra, mesmo que debaixo dela após a morte, é como continuar na luta. Não temo ter o mesmo fim de meu pai, não tenho medo de morrer por uma boa causa como ele. Morrer é pouco se alguém avançar na luta — disse a filha de Marçal.